



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS DO PONTAL
CURSO DE GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**



GIULIA MONTANHAN FRANCISCO

ENTRE O TRABALHO E A ESCOLA: *A percepção socioespacial e o pertencimento
de jovens estudantes do ensino noturno*

ITUIUTABA/MG

2026

GIULIA MONTANHAN FRANCISCO

ENTRE O TRABALHO E A ESCOLA: *A percepção socioespacial e o pertencimento
de jovens estudantes do ensino noturno*

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de Ciências Humanas do Pontal, Ituiutaba, MG, como requisito parcial á conclusão da Licenciatura.

Orientação: Prof. Dr. Adriano R. De La Fuente.

ITUIUTABA/MG

2026

Giulia Montanhan Francisco

ENTRE O TRABALHO E A ESCOLA: *A percepção socioespacial e o pertencimento
de jovens estudantes do ensino noturno*

Banca Examinadora

Prof. Dr. Adriano De La Fuente - Orientador

Docente do Curso de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia – Campus pontal

Prof. Dr Gerusa Moura - Examinadora

Docente do Curso de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia – Campus pontal

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

F819 Francisco, Giulia Montanhan, 1998-
2026 ENTRE O TRABALHO E A ESCOLA [recurso eletrônico] : A
percepção socioespacial e o pertencimento de jovens estudantes
do ensino noturno / Giulia Montanhan Francisco. - 2026.

1. Geografia. I. Fuente, Adriano Rodrigues De Souza De La,
1983-, (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia.
Graduação em Geografia. III. Título.

CDU: 910.1

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:
Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha mãe, Rosana Aparecida Baptista Francisco, minha primeira e a melhor professora que eu poderia ter como exemplo. Foi por meio de sua sensibilidade, força e inteligência que aprendi o verdadeiro significado de ensinar e acreditar na educação. Seu amor pela profissão e sua dedicação diária me inspiraram a trilhar o caminho da docência. Esta conquista também é sua.

Resumo

Este artigo é resultado de uma pesquisa realizada com estudantes do ensino médio do turno noturno de uma escola pública estadual localizada no município de Ituiutaba/MG, Brasil. O estudo tem como objetivo analisar como os estudantes que frequentam o ensino médio noturno percebem o espaço geográfico no qual estão inseridos, considerando suas vivências cotidianas entre casa, trabalho e escola. A pesquisa fundamenta-se em contribuições da fenomenologia e da geografia crítica, buscando compreender as percepções socioespaciais construídas pelos estudantes a partir de suas experiências no espaço urbano. Metodologicamente, foram realizadas entrevistas semiestruturadas e rodas de conversa com os alunos, nas quais foram discutidas suas trajetórias diárias, deslocamentos pela cidade e experiências relacionadas ao estudo e ao trabalho. Os resultados indicam que as vivências cotidianas desses jovens contribuem para a construção de diferentes percepções sobre os espaços urbanos que frequentam. Dessa forma, o estudo evidencia a importância de considerar as experiências dos estudantes do ensino noturno na compreensão das relações entre juventude, cotidiano e espaço geográfico.

Palavras-chave: Ensino de Geografia; Juventudes; Ensino Noturno; Lugar; Espaço Vivido.

Abstract

This article is the result of a study conducted with high school students in the evening program at a state public school located in the municipality of Ituiutaba, Minas Gerais, Brazil. The study aims to analyze how students attending evening high school perceive the geographical space in which they are embedded, taking into account their daily experiences between home, work, and school. The research is grounded in contributions from phenomenology and critical geography, seeking to understand the socio-spatial perceptions constructed by students based on their experiences in urban space. Methodologically, semi-structured interviews and focus groups were conducted with the students, in which their daily routines, movements through the city, and experiences related to study and work were discussed. The results indicate that the daily experiences of these young people contribute to the construction of different perceptions of the urban spaces they frequent. Thus, the study highlights the importance of considering the experiences of night school students in understanding the relationships between youth, daily life, and geographic space.

Keywords: Geography Education; Youth; Evening Education; Place; Lived Space.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	1
2. REFERÊNCIAL TEÓRICO.....	3
2.1 Juventude como construção social.....	3
2.2 Juventude escolar e formação da percepção espacial	5
2.3 Juventude escolar, homogeneização e pluralidades	7
3. METODOLOGIA.....	9
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	12
4.1 Descrição e desenvolvimento das rodas de conversa.....	13
4.2 Percepção da docente sobre os estudantes do ensino médio noturno e o ensino de Geografia	20
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
6. REFERÊNCIAS.....	17

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Perfil dos Participantes.....	13
Quadro 2 - Percepções dos estudantes sobre os trajetos entre casa, trabalho e escola	14
Quadro 3 – Relação entre ensino de Geografia e cotidiano dos estudantes.....	16
Quadro 4 – Representações sobre o espaço desejado	17
Quadro 5 – Palavras associadas à experiência escolar.....	18
Quadro 6 – Quadro Síntese dos resultados obtidos.....	23

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Roda de conversa.....	19
---------------------------------	----

1. INTRODUÇÃO

O ensino noturno no Brasil consolidou-se historicamente como alternativa para atender sujeitos que não puderam permanecer na escola em horário regular, especialmente jovens trabalhadores. A expansão do acesso à educação básica é verídica, mas, ainda assim, manteve desigualdades estruturais que atingem principalmente as classes populares, cuja inserção precoce no mundo do trabalho condiciona o percurso escolar (Kuenzer, 2000; Frigotto 2001). Nesse contexto, o período noturno passou a concentrar estudantes que dividem o tempo entre a sobrevivência e a formação escolar.

Nas turmas do ensino médio noturno, é recorrente a presença de jovens que conciliam trabalho e escolarização. Tal realidade deve ser compreendida no contexto da noção de condição juvenil, que evidencia que não existe uma juventude homogênea, mas múltiplas formas de viver essa etapa da vida, atravessadas por desigualdades de classe, território e inserção no trabalho (Juarez Dayrell, 2003; Helena Abramo, 2005). Assim, a juventude do ensino noturno constitui uma experiência específica, marcada por jornadas extensas, cansaço físico e deslocamentos diários que interferem na vivência escolar.

Sob a perspectiva da Geografia, o espaço não pode ser entendido como mero cenário neutro, mas como dimensão constitutiva da vida social. Conforme argumenta Milton Santos (1996), o espaço geográfico é um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações, sendo simultaneamente produto e condição das práticas sociais. Desse modo, o trajeto cotidiano entre casa, trabalho e escola configura-se como experiência concreta de produção e vivência do espaço urbano.

Nessa direção, o ensino de Geografia não deve restringir-se à memorização de conteúdos, mas assumir o papel de instrumento de leitura crítica do mundo. Como defende Paulo Freire (1989), a leitura da palavra deve estar articulada à leitura do mundo. Aplicado ao campo da Geografia, isso implica reconhecer que a cidade percorrida diariamente pelos estudantes constitui uma “Geografia viva”, na qual se manifestam desigualdades socioespaciais, centralidades e periferias.

A reflexão sobre o direito à cidade, proposta por Henri Lefebvre (1968), contribui para aprofundar essa análise. Para o autor, o direito à cidade envolve não apenas o acesso físico ao espaço urbano, mas a possibilidade de participar de sua produção e usufruir de suas centralidades. Nesse sentido, questiona-se como jovens que atravessam a cidade sob o efeito do cansaço e da precariedade da mobilidade percebem esse direito.

Diante disso, coloca-se o seguinte problema de pesquisa: Existe um distanciamento entre a Geografia ensinada na escola, e a Geografia construída na experiência cotidiana desses estudantes e de que maneira o ensino de Geografia contribui para a formação de uma consciência espacial crítica capaz de articular o espaço vivido, percebido e concebido, categorias desenvolvidas por Henri Lefebvre (1991) na análise da produção do espaço.

A pesquisa justifica-se pela necessidade de compreender as especificidades das juventudes do ensino noturno, reconhecendo os estudantes como sujeitos produtores de sentidos sobre o espaço que habitam. A escolha metodológica por entrevistas, questionários e rodas de conversa fundamenta-se na valorização da experiência vivida e da percepção como dimensões essenciais para compreender o espaço, conforme apontam as contribuições da fenomenologia Merleau-Ponty (1999). A utilização de linguagem acessível e de recursos visuais busca captar sentimentos de pertencimento, exclusão e identificação territorial que nem sempre emergem em abordagens exclusivamente quantitativas.

O objetivo geral deste estudo é analisar como os estudantes que frequentam o ensino médio noturno percebem o espaço geográfico no qual estão inseridos, considerando suas vivências cotidianas entre casa, trabalho e escola. Especificamente, pretende-se investigar essa percepção a partir dos eixos do espaço vivido, percebido, concebido e desejado, examinando como tais dimensões se articulam à experiência escolar e ao ensino de Geografia.

Assim, ao articular juventude, trabalho, e espaço urbano, esta pesquisa busca contribuir para a reflexão sobre o papel da Geografia na formação da consciência espacial crítica, especialmente em contextos marcados por desigualdades socioespaciais e pelas particularidades do ensino noturno.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Juventude como construção social

Preliminarmente, faz-se importante refletir sobre a juventude como uma construção social que passou por diversas transformações desde a Idade Média até a contemporaneidade. Ao longo desse percurso histórico, diferentes direitos e deveres foram atribuídos a esse grupo social. A juventude pode ser compreendida tanto como um período delimitado do ciclo da vida, vivenciado por todos os sujeitos, quanto como um conjunto de percepções, atitudes e experiências daqueles que são socialmente classificados como jovens. (Abramo, 2000)

Nesse sentido, a sociedade constitui-se como um processo histórico gradual, resultante da passagem do estado de natureza para a vida civil, mediada por transformações técnicas econômicas e morais que culminaram na institucionalização de normas, leis e relações de poder. O conceito de sociedade é, portanto, complexo e polissêmico, podendo ser entendido como um sistema organizado em uma estrutura social ampla, na qual os indivíduos estabelecem relações entre si, conforme discutido por Jean-Jacques Rousseau (1999).

Ao analisar as transformações da sociedade, Rousseau (2000) denomina como “juventude do mundo” a terceira grande revolução social, caracterizada como “sociedade começada”. Essa expressão refere-se ao momento de transição entre o estado primitivo e a consolidação da sociedade civil, marcado pelo surgimento das primeiras formas de sociabilidade, pela centralidade das relações familiares e por um relativo equilíbrio entre natureza e convivência social.

Analogamente, é possível estabelecer uma associação entre essa terminologia e a juventude humana, visto que esta, também representa um período de transição na vida do sujeito, situado entre a dependência da infância e a autonomia da vida adulta. Contudo, é imprescindível destacar que a juventude não pode ser compreendida de forma homogênea, pois extrapola critérios meramente etários e abrange marcadores sociais como classe, território, gênero, religião e raça, conforme assinala Oliveira (2024).

Essa leitura homogênea da juventude revela-se limitada quando analisada à luz das desigualdades sociais. As trajetórias juvenis são profundamente marcadas pelas condições objetivas de existência, especialmente pela inserção precoce no mundo do trabalho. Nesses contextos, a infância não se configura como período de proteção plena, e a juventude deixa de ser apenas uma etapa de passagem, constituindo-se como experiência socialmente construída e atravessada por desigualdades estruturais, como aponta Juarez Dayrell (2003).

Nessa perspectiva, Juarez Dayrell e Juliana Reis (2007) defendem que não existe uma “juventude” homogênea, mas uma “condição juvenil”, conceito que se refere tanto à forma

como esse momento da vida é constituído social e culturalmente quanto às maneiras pelas quais é vivenciado a partir de diferentes recortes sociais.

Aprofundando essa discussão, Helena Abramo (1997) problematiza a maneira como a juventude foi historicamente interpretada, frequentemente concebida como categoria geracional destinada a substituir a geração adulta vigente. A autora demonstra como se constrói um “pânico moral” em torno dos jovens, especialmente quando associados à desordem ou à crise social.

Posteriormente, Helena Abramo (2005) propõe a distinção entre condição juvenil e situação juvenil, contribuindo para uma leitura mais complexa. Enquanto a condição juvenil refere-se à experiência compartilhada desse momento do ciclo da vida, a situação juvenil evidencia as diferentes formas pelas quais os jovens vivenciam essa etapa conforme suas circunstâncias sociais específicas.

Sob uma perspectiva relacional, a juventude também pode ser compreendida como espaço de disputas simbólicas. Conforme argumenta Pierre Bourdieu(1983), as classificações etárias não são neutras, mas expressam relações de poder e disputas pela definição legítima das posições sociais. A própria categoria “juventude” é resultado de processos de nomeação que produzem efeitos concretos sobre os sujeitos.

Além disso, a juventude pode ser analisada a partir da dimensão geracional. Conforme Karl Mannheim (1928), as gerações compartilham experiências históricas que moldam modos particulares de percepção e ação, configurando uma consciência geracional específica.

No contexto brasileiro, as reflexões sobre juventude consolidaram-se institucionalmente com a promulgação do Estatuto da Juventude, que reconhece os jovens como sujeitos de direitos e incorpora dimensões como cidadania, educação, diversidade, território e mobilidade.

Diante dessas abordagens, evidencia-se que a juventude não pode ser compreendida como dado natural ou biológico, mas como categoria histórica, plural, relacional e atravessada por desigualdades estruturais.

No contexto atual, de uma sociedade capitalista, muitos jovens são inseridos precocemente no mercado de trabalho, frequentemente como resultado da vulnerabilidade social do seio familiar. Essa inserção pode ocorrer de maneira concomitante à escolarização, exigindo que os jovens conciliem jornadas de trabalho com a permanência escolar. Segundo José Machado Pais, as trajetórias juvenis são fortemente influenciadas pelas condições sociais e econômicas que moldam as possibilidades de acesso à educação, ao emprego e à participação social. (Frigotto, 1984)

2.2 Juventude escolar e formação da percepção espacial

A compreensão da juventude escolar no contexto geográfico exige reconhecer o espaço como uma dimensão constitutiva da vida social. Conforme argumenta Milton Santos, o espaço geográfico é um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações, sendo simultaneamente produto e condição das práticas sociais, evidenciando que a organização espacial está profundamente vinculada às dinâmicas sociais, econômicas e políticas. (Santos, 1996)

Nessa perspectiva, os jovens não apenas ocupam o espaço escolar e urbano, mas também o produzem e são produzidos por ele. A escola configura-se como um território de socialização, produção de identidades e elaboração de projetos de futuro. Nesse ambiente, os estudantes estabelecem relações sociais, constroem vínculos de pertencimento e desenvolvem diferentes formas de apropriação do espaço, contribuindo para a formação de suas experiências socioespaciais.

A Geografia Fenomenológica amplia essa análise ao incorporar a percepção e o mundo vivido como dimensões fundamentais da experiência espacial. Inspirada na fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty, essa abordagem compreende o espaço não como um meio homogêneo e neutro, mas como um campo de relações significadas pela experiência dos sujeitos. Como afirma Merleau-Ponty, “o espaço não é o ambiente real ou lógico em que as coisas se dispõem, mas o meio pelo qual a posição das coisas se torna possível” (Merleau-Ponty, 1999, p. 328). Dessa forma, a percepção do espaço está diretamente relacionada às experiências corporais e às vivências cotidianas dos indivíduos.

Nesse debate, as contribuições de Yi-Fu Tuan também são fundamentais para compreender a relação entre experiência, percepção e lugar. Para o autor, o lugar está associado aos vínculos construídos a partir da vivência e da experiência humana no espaço. Nesse sentido, Tuan afirma que “o lugar é segurança e o espaço é liberdade” (Tuan, 1983, p. 6), indicando que os lugares adquirem significado à medida que são vividos, experienciados e dotados de sentido pelos indivíduos.

Nesse contexto, Sandra Lencioni (2003) destaca que a Geografia da percepção busca compreender as representações que os indivíduos elaboram sobre o espaço. De forma complementar, Roberto Lobato Corrêa (2001) ressalta que o espaço geográfico também é atravessado por dimensões simbólicas e afetivas, constituídas a partir das experiências cotidianas e das relações sociais estabelecidas nos lugares.

Outro aspecto relevante refere-se à reflexão sobre escala geográfica. Conforme argumenta Iná Elias de Castro (2001), a escala não se limita a um recurso cartográfico, mas constitui uma prática de observação que envolve escolhas e recortes da realidade. Aplicada ao

estudo da juventude escolar, essa perspectiva permite compreender como os jovens percebem e se relacionam com diferentes dimensões do espaço, como o bairro, a escola e a cidade, construindo distintos níveis de pertencimento territorial.

Nessa direção, a compreensão do espaço também pode ser aprofundada a partir das contribuições de Henri Lefebvre, especialmente por meio de sua formulação acerca da produção social do espaço. Para o autor, o espaço não deve ser entendido apenas como suporte físico ou cenário das ações humanas, mas como uma realidade social produzida historicamente, evidenciando que sua organização resulta das relações sociais que estruturam a sociedade. (Lefebvre, 2006)

A partir dessa perspectiva, Lefebvre propõe compreender o espaço por meio de uma tríade analítica composta pelas dimensões do espaço percebido, do espaço concebido e do espaço vivido, que se articulam dialeticamente na produção da realidade socioespacial. O espaço concebido corresponde às representações produzidas por instituições, técnicos e agentes do Estado, manifestando-se nos planejamentos urbanos, nas normas e nas formas de organização territorial. O espaço percebido refere-se às práticas espaciais cotidianas, relacionadas aos deslocamentos, trajetos e rotinas que estruturam a vida diária dos indivíduos. Já o espaço vivido corresponde à dimensão simbólica e subjetiva do espaço, constituída pelas experiências, memórias, afetos e significados atribuídos aos lugares.

No contexto da juventude escolar, essa perspectiva teórica permite compreender que os jovens não apenas ocupam determinados espaços, como a escola, o bairro ou a cidade, mas constroem, por meio de suas experiências cotidianas, formas próprias de perceber, interpretar e significar esses lugares. Os trajetos diários entre casa e escola, os espaços de convivência no bairro, os locais de lazer e sociabilidade e as experiências vividas no ambiente escolar constituem elementos importantes na formação da percepção espacial desses sujeitos.

Dessa forma, o ensino de Geografia assume papel fundamental na formação da consciência espacial, possibilitando que os estudantes articulem suas experiências cotidianas com o conhecimento científico e desenvolvam uma leitura crítica da realidade socioespacial em que vivem.

2.3 Juventude escolar, homogeneização e pluralidades

Compreender a realidade de ser jovem no âmbito escolar implica reconhecer que a escola historicamente operou sob a lógica da homogeneização. Estruturada por séries e currículos padronizados, tende a tratar os estudantes como grupo uniforme, desconsiderando múltiplas juventudes.

Os jovens chegam à escola como sujeitos sociais que carregam trajetórias marcadas por classe, território e inserção no trabalho. Contudo, a instituição frequentemente invisibiliza essas dimensões, reforçando leitura padronizada da identidade estudantil, como aponta Juarez Dayrell (2003).

Compreender a realidade de ser jovem no âmbito escolar implica reconhecer que a escola historicamente operou sob a lógica da homogeneização. Estruturada por séries e currículos padronizados, a instituição escolar tende a tratar os estudantes como grupo uniforme, o clássico “corpo docente” desconsiderando múltiplas juventudes que adentram seus portões. Como mencionando por Sposito (2002), a escola foi pensada para um aluno ideal, abstrato e universal, o que frequentemente entra em choque com os sujeitos reais que as frequentam. Os jovens chegam à escola como sujeitos sociais que carregam trajetórias marcadas por recortes de classe, território e, no caso do ensino público noturno, pela intensa inserção no trabalho. Contudo, a instituição frequentemente invisibiliza essas dimensões, reforçando leitura padronizada da identidade estudantil, como aponta Juarez Dayrell (2003).

Contudo, deve se destacar, que ainda assim, os fatores, classe, território e inserção no trabalho, não são suficientes para delimitar um grupo inteiro ou uma turma escolar de jovens, visto que, a cultura, a rede de apoio, cor, etnia, gênero, idade e infinitos fatores vão alterar a vivência de juventude, de cada jovem, dentro e fora do âmbito escolar de maneira única e singular. Conforme apontado por Dayrell (2003) é urgente que a escola passe a enxergar o jovem não apenas na sua condição de aluno, mas como um ator social imerso em dinâmicas culturais e produtivas externas aos muros escolares. No contexto específico do ensino noturno, essa invisibilidade torna-se ainda mais crítica, visto que o estudante do ensino noturno é, antes de tudo um trabalhador-estudante.

Miguel Arroyo (2012) nos lembra que esses jovens trazem para a sala de aula os cansaços, as marcas e as vivências da exploração do trabalho e da precariedade do transporte público urbano. Suas percepções de tempo e espaço são profundamente alteradas pela jornada dupla. Ignorar essa condição é esvaziar o sentido da escola para essa parcela da população. Contudo, deve-se destacar que, ainda assim, os fatores classe, território e inserção no trabalho não são suficientes para delimitar um grupo inteiro ou uma turma escolar de jovens de forma determinista.

A cultura, as redes de sociabilidade, a cor, a etnia, o gênero, a orientação sexual, a naturalidade e uma infinidade de outros fatores alteram a vivência da juventude de cada indivíduo. José Machado Pais (2003) adverte sobre a necessidade de falarmos em "culturas juvenis" no plural, visto que a juventude é uma categoria socialmente construída e vivenciada de maneira única e singular dentro e fora do âmbito escolar.

Portanto, torna-se fundamental que o ensino de Geografia dialogue ativamente com essas vivências espaciais. Quando o conteúdo escolar se distancia da experiência concreta do bairro, da mobilidade pendular diária, do ambiente de trabalho e das bagagens que aquele jovem carrega, a disciplina tende a perder o sentido, transformando-se em um saber razo. Segundo Lana de Souza Cavalcanti (2012), o papel da Geografia escolar é ajudar o aluno a compreender o seu espaço cotidiano para, a partir dele, entender as dinâmicas globais e estruturais. O cotidiano é o ponto de partida para a construção do conhecimento geográfico significativo.

Por outro lado, quando a escola incorpora a ação humana praticada por esses jovens no espaço geográfico para dentro do planejamento da aula, ela contribui decisivamente para a formação de uma percepção espacial crítica.

O aluno passa a se enxergar como agente modificador do espaço. É nesse ponto que a Geografia escolar pode atuar como uma ponte entre o espaço vivido (a experiência tátil, as ruas escuras, o trajeto para o trabalho) e o espaço concebido (a compreensão das leis de zoneamento, da segregação socioespacial e do planejamento urbano), permitindo que esse jovem passe a vislumbrar e lutar por um espaço desejado, utilizando as categorias fundamentais propostas por Lefebvre (1991). Dessa forma, a aula de Geografia ganha materialidade e se torna um instrumento de leitura de mundo e de empoderamento juvenil.

As discussões teóricas apresentadas evidenciam que a juventude é plural e territorialmente situada. No espaço escolar, essas pluralidades entram em tensão com práticas pedagógicas padronizadas, o que reforça a necessidade de investigar como o ensino de Geografia tem atendido, ou não, às múltiplas juventudes presentes na escola.

Essa lógica também se manifesta quando a juventude ganha centralidade apenas associada ao risco ou à indisciplina, reiterando o “pânico moral” discutido por Helena Abramo (1997).

3. METODOLOGIA

A pesquisa foi desenvolvida a partir de uma abordagem quanti-qualitativa, articulando procedimentos teóricos e práticos com o objetivo de analisar como os estudantes que frequentam o ensino médio noturno percebem o espaço geográfico no qual estão inseridos, considerando suas vivências cotidianas entre casa, trabalho e escola. Essa perspectiva metodológica possibilita a integração de dados descritivos, narrativos e interpretativos, permitindo uma análise mais abrangente da realidade investigada. O percurso metodológico foi organizado em etapas complementares que dialogam com os objetivos da investigação e viabilizam a triangulação de diferentes fontes de dados.

Esta investigação também se apoia na fenomenologia da percepção de Maurice Merleau-Ponty (1999), corrente que procura entender de que maneira os sujeitos elaboram significados sobre o mundo a partir de suas experiências vividas. Na fenomenologia, o espaço não é entendido apenas como uma realidade objetiva e mensurável, mas como um espaço vivido, percebido e interpretado pelos indivíduos em suas práticas cotidianas. Assim, essa abordagem auxilia na compreensão de como os estudantes do turno noturno percebem e vivenciam o espaço urbano durante seus deslocamentos entre residência, trabalho e escola.

Ao mesmo tempo, o estudo estabelece diálogo com a geografia crítica, que compreende o espaço geográfico como resultado das relações sociais, econômicas e políticas estabelecidas na sociedade capitalista. A articulação dessas perspectivas possibilita analisar, simultaneamente as experiências subjetivas dos estudantes e as condições sociais que moldam suas vivências e percepções da cidade.

A primeira etapa consistiu na realização de uma pesquisa bibliográfica acerca dos conceitos de sociedade, juventude, percepção espacial e ensino de Geografia. Essa revisão teve como finalidade fundamentar teoricamente o estudo, situando as discussões contemporâneas sobre as múltiplas espacialidades vivenciadas pelos jovens e as contribuições da Geografia Escolar para a formação crítica e cidadã. Foram mobilizadas produções acadêmicas no campo da Sociologia da Juventude e da Geografia, bem como autores que discutem espaço, território, percepção e direito à cidade. Essa etapa forneceu o suporte necessário para interpretar os dados empíricos e aprofundar a análise das relações entre os sujeitos pesquisados e suas formas de ler e vivenciar o espaço urbano.

A segunda etapa envolveu a inserção no campo empírico durante as regências do Estágio Supervisionado IV, realizadas nas turmas do Ensino Médio do período noturno em uma escola pública estadual do interior de Minas Gerais, localizada no município de Ituiutaba. O estágio possibilitou a aproximação com a realidade escolar, permitindo a observação da dinâmica da turma, das condições concretas de ensino-aprendizagem e das especificidades do público

assistido, majoritariamente composto por jovens que conciliam trabalho e escolarização. Essa vivência favoreceu a compreensão do contexto social no qual a pesquisa se desenvolve, bem como a identificação de elementos relevantes para a construção dos instrumentos de coleta de dados.

A terceira etapa consistiu na aplicação de um questionário direcionado à professora da disciplina de Geografia das turmas investigadas. O instrumento continha perguntas abertas, buscando compreender a percepção docente acerca do perfil dos estudantes do período noturno, os desafios enfrentados no cotidiano escolar, as estratégias pedagógicas adotadas e a relação entre o conteúdo geográfico e a realidade vivida pelos alunos. Essa etapa contribuiu para ampliar a análise, incorporando a visão da professora sobre o processo de ensino e aprendizagem.

A quarta etapa correspondeu à realização de uma atividade em formato de roda de conversa com os estudantes. A proposta foi criar um espaço coletivo de diálogo, no qual os participantes pudessem compartilhar suas experiências relacionadas ao trabalho, aos deslocamentos diários, à vivência do bairro e da cidade, bem como suas percepções sobre o ensino de Geografia e as pluralidades da juventude vivida por cada jovem que fez parte deste estudo.

Compreende-se que o uso da roda de conversa representa um espaço de diálogo horizontal, troca de experiências, escuta ativa e construção coletiva de sentidos. Portanto, ela não é uma entrevista coletiva ou um grupo focal rígido. A escolha se deve ao fato desta metodologia ser capaz de captar a complexidade do objeto, ou seja, as interações, as narrativas compartilhadas, os consensos, os dissensos e a subjetividade do grupo de estudantes.

Paralelamente, foi realizada a observação sistemática das aulas de Geografia, em conjunto com a professora da escola. Essa observação teve como objetivo analisar a dinâmica da turma, o nível de participação dos estudantes, os impactos do cansaço decorrente da jornada de trabalho e a forma como os conteúdos eram apresentados e apropriados pelos alunos. A observação permitiu confrontar o discurso dos participantes com a prática pedagógica desenvolvida, contribuindo para a triangulação das informações.

A etapa final consistiu na organização e análise dos dados coletados, a partir da construção de categorias temáticas articuladas aos eixos do espaço vivido, percebido, concebido e desejado. O espaço vivido refere-se às experiências concretas do cotidiano dos estudantes; o espaço percebido relaciona-se às representações construídas sobre a cidade e o bairro; o espaço concebido diz respeito ao conhecimento sistematizado mediado pela escola; e o espaço desejado expressa expectativas e projeções acerca do futuro e do direito à cidade. A análise buscou articular as falas dos participantes, as observações realizadas e o referencial teórico adotado, permitindo compreender como o ensino de Geografia dialoga ou se distancia das múltiplas

espacialidades juvenis.

No que se refere aos procedimentos éticos, a pesquisa foi realizada com autorização da direção da escola e com ciência da professora participante. Os estudantes foram informados sobre os objetivos da investigação e sobre seu caráter acadêmico, sendo garantido o anonimato de todos os envolvidos. As informações coletadas foram utilizadas exclusivamente para fins científicos, respeitando os princípios éticos da pesquisa em educação.

Dessa forma, o percurso metodológico articulou fundamentação teórica, inserção no campo, coleta de dados e análise interpretativa, possibilitando uma compreensão aprofundada da percepção espacial de jovens estudantes do ensino noturno e de sua relação com o ensino de Geografia.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O objeto de estudo deste trabalho são jovens do ensino médio, que estudam no turno noturno de uma Escola Pública Estadual, localizada, no município Ituiutaba-MG, onde a observação e investigação ocorre no campo da disciplina de estágio IV da licenciatura do curso de Geografia ABI ofertado pela Universidade Federal de Uberlândia, Campus Pontal em Ituiutaba-MG.

Uma escola estadual apresenta singularidades ao comparada com uma escola de uma grande metrópole e se aplica aos jovens do interior e da capital, visto que a classe social varia, o acesso a lazer e cultura, tradições, espaços ocupados.

Pode-se citar os empregos ocupados por jovens, em uma capital empregos como jovem aprendiz é mais comum devido a uma maior fiscalização que no interior não é tão eficiente, com exceção de grandes indústrias e multinacionais, isto é, facilita a empregabilidade menores de idade em cargas horárias exaustivas para além a maioria dos jovens que estudam no período noturno da escola pesquisada, estuda no período noturno pois trabalha em áreas rurais da cidade ou de cidades vizinhas em período integral.

4.1 Descrição e desenvolvimento das rodas de conversa

A roda de conversa foi realizada com aproximadamente 40 estudantes, distribuídos entre turmas do Ensino Médio regular e da Educação de Jovens e Adultos (EJA). A atividade foi desenvolvida ao longo de duas aulas, sendo que em cada encontro participaram duas turmas. A dinâmica foi orientada por um plano de aula previamente estruturado, com o objetivo de garantir uma sequência metodológica organizada, contemplando momentos de introdução, desenvolvimento e encerramento da atividade.

Antes de apresentar os resultados da atividade, é importante caracterizar brevemente o perfil dos participantes. A maioria dos estudantes era composta por jovens negros e pardos, com idades entre 15 e 21 anos, além de uma pequena parcela de estudantes com mais de 35 anos, pertencentes à turma da EJA. Com exceção de um aluno que havia encerrado recentemente seu contrato de trabalho, todos os demais participantes estavam inseridos no mercado de trabalho.

Entre os estudantes do sexo masculino, predominavam atividades laborais que exigiam esforço físico intenso, como trabalhos em fazendas, manutenção de equipamentos de carga, atividades de estoque e serviços de vidraçaria. Em muitos casos, tratava-se de trabalhos realizados sob exposição ao sol ou em condições que envolviam riscos ocupacionais, nem sempre acompanhados de equipamentos adequados de proteção individual (EPI). Já entre as estudantes do sexo feminino, observou-se atuação em diferentes áreas de trabalho, além da realização de atividades domésticas. Uma pequena parcela dos estudantes já possuía família constituída e filhos. **(quadro 1)**

Durante o início da atividade, foi perceptível entre alguns alunos um comportamento de apatia ou certo desconforto em relação aos temas abordados. Parte dos estudantes reagia com humor e comentários irônicos ao tratar da própria rotina de trabalho, enquanto outros se mantiveram mais silenciosos, respondendo apenas de forma breve às perguntas propostas. Ainda assim, alguns participantes compartilharam relatos significativos sobre suas experiências cotidianas.

Quadro 1 – Perfil dos Participantes

Aspecto	Caracterização observada
Número aproximado de participantes	40 estudantes.
Turmas participantes	Ensino Médio regular e EJA.
Faixa etária predominante	Entre 15 e 21 anos.
Estudantes com idade mais elevada	Pequena parcela acima de 35 anos (EJA) .
Composição étnico-racial predominante	Jovens negros e pardos.
Inserção no mercado de trabalho	todos os estudantes, exceto um, estavam trabalhando.
Tipos de trabalho (masculino)	Trabalho em fazendas, manutenção de equipamentos de carga, estoque e vidraçaria.
Tipos de trabalho (feminino)	Serviços diversos e atividades domésticas.
Estudantes com filhos ou família constituída	Pequena parcela de estudantes com filhos (5).

Fonte: Francisco, 2026 ; **Org:** Francisco,2026

O primeiro momento da roda de conversa consistiu na apresentação da pesquisa, na explicação sobre o que é um Trabalho de Conclusão de Curso e na exposição do tema e dos objetivos da investigação. Nesse momento, também foi enfatizado que os estudantes poderiam se sentir à vontade para compartilhar suas experiências, respeitando sempre o nível de conforto de cada participante.

(imagem 1

Em seguida, foram apresentados aos alunos alguns conceitos fundamentais da Geografia, como espaço geográfico, espaço produzido, espaço percebido e espaço concebido. A proposta metodológica consistia em discutir esses conceitos ao longo da roda de conversa e, ao final da atividade, convidar os estudantes a refletirem sobre a ideia de um “espaço desejado”, imaginando como seria um ambiente ideal para estudar e viver a cidade.

A dinâmica da roda de conversa foi organizada em blocos temáticos, cada um associado a determinados conceitos geográficos. No entanto, ao longo da atividade, a discussão frequentemente ultrapassava o roteiro previamente elaborado, à medida que os estudantes traziam

novas questões, relatos pessoais e reflexões sobre suas experiências. Dessa forma, a condução da atividade foi adaptada para acolher essas contribuições e aprofundar os temas que emergiam espontaneamente durante a conversa.

O primeiro bloco abordou o conceito de espaço percebido, com perguntas relacionadas aos trajetos cotidianos realizados pelos estudantes entre casa, trabalho e escola. Foram discutidos aspectos como o tempo de deslocamento, os meios de transporte utilizados e a percepção de mudanças na paisagem ao longo desses trajetos. A maioria dos estudantes possuía bicicleta ou motocicleta para se deslocar. Aqueles que não dispunham desses meios utilizavam o ônibus escolar disponibilizado pelo Estado de Minas Gerais para chegar à escola e, em alguns casos, ônibus fretados por empresas ou transporte público municipal para chegar ao trabalho. Apenas uma pequena parcela dos estudantes realizava o trajeto a pé, geralmente por residirem próximo à escola. (**quadro 2**)

Quadro 2 - Percepções dos estudantes sobre os trajetos entre casa, trabalho e escola

Elemento analisado	Resultados observados
Meios de transporte predominantes	Bicicleta e motocicleta.
Transporte coletivo	Ônibus escolar disponibilizado pelo Estado e transporte fretado por empresas.
Transporte público urbano	Utilizado por parte dos estudantes para deslocamento ao trabalho.
Deslocamento a pé	Cinco alunos, estudantes que moram próximos à escola.
Temas discutidos	Tempo de deslocamento, mudanças na paisagem e rotina diária entre casa, trabalho e es

Fonte: Francisco, 2026 ; **Org:** Francisco,2026

O segundo bloco aprofundou as discussões sobre pertencimento e relação com os lugares. Foram feitas perguntas como: “Existe algum lugar que representa quem você é?” ou “Ser estudante do turno noturno muda a forma como você utiliza a cidade?”. A partir desse momento, os alunos passaram a se expressar de maneira mais aberta. Alguns relataram que não se sentiam pertencentes nem mesmo ao espaço da própria casa, uma vez que passam grande parte do tempo trabalhando ou estudando. Outros destacaram aspectos positivos da escola, como a oferta de alimentação, que se torna importante considerando a rotina apertada entre o término do trabalho e o início das aulas. **(Quadro 3)**

Durante esse momento da atividade, também surgiram discussões entre os próprios estudantes sobre questões práticas do cotidiano, como os horários do transporte escolar e as dificuldades de conciliar trabalho e estudo. Esses relatos contribuíram para ampliar o repertório da pesquisa, revelando a intensidade da rotina enfrentada pelos alunos.

Apesar da rotina exaustiva relatada, observou-se também o cuidado dos estudantes com sua apresentação pessoal, chegando à escola com roupas limpas e aparência organizada, o que demonstra dedicação e valorização do espaço escolar.

Quadro 3 – Relação entre ensino de Geografia e cotidiano dos estudantes

Aspecto investigado	Resultados identificados
Relação entre conteúdos e realidade dos alunos	A maioria relatou dificuldade em perceber relação direta.
Presença de temas do cotidiano nas aulas	Pouco frequente segundo os estudantes.
Interesse em metodologias ligadas ao cotidiano	Alto interesse demonstrado.
Exemplos sugeridos pelos alunos	Música, cultura local, experiências de trabalho e vivências no bairro.
Diferença entre Ensino Médio regular e EJA	Estudantes da EJA relataram maior facilidade em relacionar conteúdos com experiências de vida.

Fonte: Francisco, 2026 ; **Org:** Francisco,2026

O terceiro bloco abordou o conceito de espaço concebido, buscando investigar a relação entre o ensino de Geografia e a realidade vivida pelos estudantes. Foram feitas perguntas relacionadas à presença de temas próximos à realidade dos alunos nas aulas de Geografia, como o bairro onde vivem, seus locais de trabalho, elementos da cultura local ou aspectos do cotidiano juvenil. De modo geral, os estudantes relataram que raramente percebem essa relação direta entre os conteúdos trabalhados em sala de aula e suas experiências pessoais. **(Quadro 3)**

Quando questionados sobre a possibilidade de aprender Geografia a partir de elementos do cotidiano, como música, cultura local, interesses pessoais ou experiências de trabalho, os estudantes demonstraram grande entusiasmo. A maioria afirmou que esse tipo de abordagem tornaria o aprendizado mais significativo e acessível.

No entanto, os estudantes da turma da EJA apresentaram percepções um pouco diferentes. Muitos relataram que conseguem relacionar diversos aspectos de sua vida cotidiana com conteúdos geográficos, seja nas atividades realizadas no campo, no trabalho ou nas experiências vividas na cidade. Essa diferença pode estar relacionada à maior experiência de vida desses estudantes e ao vínculo estabelecido com a professora responsável pela turma.

O quarto bloco consistiu em um exercício de imaginação sobre o chamado “espaço desejado”. Os estudantes foram convidados a refletir sobre como seria o cenário ideal para aprender Geografia e vivenciar a escola. Entre as questões levantadas estavam: se gostariam de estudar em outro turno, se prefeririam dedicar-se apenas aos estudos ou quais mudanças poderiam melhorar a experiência escolar. **(Quadro 4)**

A maioria dos estudantes afirmou que gostaria de ter a possibilidade de dedicar-se exclusivamente aos estudos, sem a necessidade de trabalhar. Também surgiram sugestões como a ampliação de atividades culturais na escola, incluindo aulas de música, informática e outras práticas que pudessem enriquecer a experiência educativa. Um ponto destacado por diversos alunos foi o horário das aulas de educação física, que ocorrem às 18h10, momento em que muitos ainda estão no trabalho e, portanto, não conseguem participar.

Quadro 4 – Representações sobre o espaço desejado

Tema discutido	Percepções dos estudantes
Dedicação exclusiva aos estudos	Todo, exceto uma aluna, relatou que gostaria de estudar sem precisar trabalhar.
Atividades desejadas na escola	Música, informática e atividades culturais.

Tema discutido	Percepções dos estudantes
Dificuldades relacionadas ao horário	Tempo apertado entre saída do trabalho e entrada na escola.
Percepção geral da rotina escolar	Experiência marcada por cansaço e dificuldade.

Fonte: Francisco, 2026 ; **Org:** Francisco,2026

Nos momentos finais da atividade, os estudantes foram convidados a escolher uma palavra que definisse sua experiência com a vida escolar, com a proposta de construir posteriormente uma nuvem de palavras. No entanto, a maioria das respostas concentrou-se em termos como “cansativo” e “difícil”. Apenas alguns estudantes utilizaram palavras como “superação”, “tranquilo” e “experiência”. **(Quadro 5)**

Quadro 5 – Palavras associadas à experiência escolar

Categoria de percepção	Palavras mencionadas
Percepções predominantes	Cansativo, difícil (37 alunos).
Percepções positivas	Superação, tranquilo, experiência (3 alunos).

Fonte: Francisco, 2026 ; **Org:** Francisco,2026

Durante a roda de conversa, algumas falas dos estudantes revelaram de forma contundente as condições em que conciliam trabalho e estudo. Entre os relatos, destacam-se frases como: “Eu já estou aqui pensando no dia de amanhã”; “Se não fosse pelos desafios, eu gostaria de apenas estudar”; “Não tenho como não trabalhar”; “Eu trabalho no sol o dia inteiro”; “Chego na escola já sem energia para aprender”; e “A gente se sente acolhido aqui porque os professores são compreensivos e tem janta”.

Os relatos apresentados pelos estudantes revelam que a experiência escolar desses jovens está profundamente atravessada por desigualdades sociais, econômicas e, em muitos casos, também por questões étnico raciais e de gênero. Para muitos deles, a escola não pode ocupar o lugar de prioridade absoluta, uma vez que as responsabilidades relacionadas ao trabalho e à manutenção da própria subsistência ou da família tornam-se urgentes.

Essas discussões evidenciam que a relação desses estudantes com o espaço escolar e com a cidade é mediada pelas condições concretas de vida que enfrentam diariamente. Assim,

a roda de conversa possibilitou não apenas compreender aspectos da percepção espacial dos alunos, mas também evidenciar as múltiplas dimensões sociais que atravessam suas trajetórias educativas.

Imagem 1: Roda de conversa



Fonte: I. F. Lima, 2026.

4.2 Percepção da docente sobre os estudantes do ensino médio noturno e o ensino de Geografia

A segunda etapa da coleta de dados consistiu na realização de uma entrevista semiestruturada com a professora responsável pela disciplina de Geografia nas turmas participantes da pesquisa. A entrevista teve como objetivo compreender a percepção da docente acerca do perfil dos estudantes do ensino médio noturno, suas experiências cotidianas e as estratégias pedagógicas utilizadas para aproximar o ensino de Geografia da realidade desses jovens trabalhadores.

A professora entrevistada leciona Geografia na educação básica há alguns anos e atua na escola investigada desde 2023, atendendo turmas do Ensino Médio no período noturno. Segundo seu relato, os estudantes que frequentam esse turno apresentam um perfil bastante específico, marcado principalmente pela necessidade de conciliar trabalho e estudo. Em sua maioria, são jovens trabalhadores que passam grande parte do dia em atividades laborais e chegam à escola após jornadas exaustivas.

A faixa etária das turmas é relativamente diversa, incluindo estudantes jovens, entre aproximadamente 15 e 21 anos, e alguns alunos adultos, especialmente nas turmas da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Muitos desses estudantes trabalham em atividades que exigem esforço físico intenso, como trabalhos em fazendas, manutenção de equipamentos, serviços no comércio e outras ocupações que demandam longas jornadas de trabalho. Essa realidade, segundo a professora, influencia diretamente a dinâmica das aulas, uma vez que os alunos frequentemente chegam cansados, enfrentando dificuldades para manter a concentração ao longo do período noturno.

Apesar dessas dificuldades, a docente destaca o comprometimento de muitos estudantes com a escola. Mesmo diante da rotina intensa, os alunos demonstram interesse em concluir os estudos e reconhecem a importância da educação para suas trajetórias de vida. Na percepção da professora, uma das principais diferenças entre os estudantes do turno noturno e aqueles do diurno está relacionada às experiências acumuladas fora da escola. Enquanto os alunos do período diurno possuem maior disponibilidade de tempo para atividades escolares e extracurriculares, os estudantes do noturno vivenciam a cidade de forma mais intensa por meio do trabalho, dos deslocamentos diários e das responsabilidades familiares.

Essas experiências acabam constituindo uma bagagem prática significativa sobre o espaço urbano, ainda que, muitas vezes, não sejam reconhecidas pelos próprios estudantes como formas de conhecimento geográfico. Nesse sentido, a professora afirma buscar estabelecer relações entre os conteúdos da disciplina e as vivências cotidianas dos alunos, utilizando elementos do espaço vivido como ponto de partida para a abordagem de conceitos geográficos.

Durante a entrevista, a docente também ressaltou que, embora a escola enfrente limitações estruturais comuns à rede pública de ensino, trata-se de uma instituição que oferece condições importantes de acolhimento e suporte aos estudantes. Conforme relatado, a escola possui laboratórios de informática e de ciências, conta com professores qualificados e mantém um ambiente considerado acolhedor para alunos e profissionais da educação. Além disso, a instituição dispõe de refeitório que fornece alimentação aos estudantes e professores durante os cinco dias letivos da semana, aspecto que, de acordo com a professora, tem grande relevância para os alunos do turno noturno, especialmente aqueles que chegam diretamente do trabalho para a escola.

A docente também destaca que a escola procura oferecer orientação aos estudantes em diferentes questões burocráticas e institucionais, como processos de inscrição e matrícula em cursos técnicos e universidades, acesso a programas de auxílio estudantil e informações sobre transporte escolar. Segundo seu relato, a instituição também se preocupa em manter um ambiente organizado, com banheiros limpos, espaços adequados de convivência e condições de segurança tanto para os estudantes quanto para os professores. Para ela, esses elementos contribuem para que a escola se configure como um espaço de acolhimento importante na vida desses jovens, mesmo diante das dificuldades enfrentadas fora do ambiente escolar.

Em relação ao ensino da disciplina, a professora afirma que conteúdos relacionados à cidade, ao trabalho, à mobilidade urbana e às desigualdades socioespaciais costumam despertar maior interesse entre os estudantes. Questões como os trajetos entre casa, trabalho e escola, as condições de infraestrutura dos bairros e as diferenças entre áreas centrais e periféricas da cidade são frequentemente utilizadas em sala de aula como exemplos para introduzir discussões sobre o espaço geográfico.

Temas como segregação socioespacial, direito à cidade, mobilidade urbana e desigualdades territoriais também são abordados nas aulas de Geografia. Segundo a professora, esses debates costumam gerar identificação entre os estudantes, que frequentemente relacionam os conteúdos discutidos às experiências vividas em seus bairros e locais de trabalho. Dessa forma, o ensino da disciplina passa a dialogar de maneira mais direta com a realidade social dos alunos.

A docente também destaca a importância da utilização de metodologias participativas para tornar as aulas mais significativas. Entre as estratégias utilizadas estão atividades coletivas, discussões em grupo e rodas de conversa que estimulam os estudantes a refletirem sobre o espaço em que vivem. Essas práticas pedagógicas contribuem para ampliar a participação dos alunos e favorecem a construção de um ambiente de diálogo em sala de aula.

Segundo a professora, ao longo dessas discussões é possível perceber que os estudantes apresentam diferentes percepções em relação aos espaços da cidade. Em alguns momentos,

demonstram sentimentos de pertencimento em relação ao bairro ou à comunidade em que vivem, especialmente quando mencionam relações de amizade, convivência e redes de apoio. Em outros casos, entretanto, surgem relatos que evidenciam sentimentos de distanciamento ou exclusão em relação a determinados espaços urbanos, muitas vezes associados a limitações de mobilidade, falta de infraestrutura ou desigualdades sociais.

A docente também observa que muitos estudantes inicialmente não se reconhecem como sujeitos que participam da produção do espaço geográfico. No entanto, ao longo das discussões realizadas em sala de aula, passam a compreender que suas práticas cotidianas como trabalhar, circular pela cidade ou participar de atividades comunitárias, também fazem parte dos processos que produzem e transformam o espaço.

Nesse sentido, a professora acredita que o ensino de Geografia pode contribuir para o desenvolvimento de uma leitura mais crítica da realidade. Ao discutir temas como desigualdade urbana, mobilidade, ausência de serviços públicos e condições de vida nas periferias, os estudantes passam a compreender essas situações não apenas como experiências individuais, mas como parte de processos sociais mais amplos que estruturam a organização do espaço urbano.

Entre os principais desafios do ensino de Geografia no período noturno, a docente destaca o cansaço físico e mental dos estudantes, decorrentes da rotina de trabalho. Muitos alunos chegam à escola após um dia inteiro de atividades laborais, o que pode dificultar a concentração e a participação nas aulas. Além disso, a evasão e a infrequência também aparecem como problemas recorrentes nesse contexto, frequentemente associados às dificuldades de conciliar trabalho, responsabilidades familiares e estudo.

Diante dessas condições, a professora busca desenvolver estratégias pedagógicas que tornem as aulas mais dinâmicas e acessíveis, valorizando as experiências de vida dos próprios estudantes como parte do processo de aprendizagem. Para ela, reconhecer as vivências desses jovens e incorporá-las às discussões em sala de aula é uma forma de tornar o ensino mais significativo e próximo da realidade dos alunos.

Por fim, a docente destaca que a Geografia escolar possui um papel fundamental na formação desses jovens enquanto sujeitos capazes de compreender criticamente o espaço em que vivem. Ao relacionar os conteúdos da disciplina com as experiências cotidianas dos estudantes, torna-se possível ampliar a compreensão sobre as desigualdades socioespaciais e estimular uma leitura mais reflexiva da cidade.

Nesse contexto, a professora ressalta a importância de discutir as espacialidades das juventudes no ambiente escolar, especialmente no ensino noturno. Para ela, reconhecer as trajetórias, os desafios e as experiências desses estudantes são essenciais para a construção de práticas pedagógicas mais inclusivas e sensíveis às realidades vividas pelos jovens

trabalhadores da escola pública. (Quadro 6)

Quadro 6 – Quadro Síntese dos resultados obtidos.

Categoria de análise	Evidências na fala dos estudantes	Contribuições da entrevista com a docente	Interpretação geográfica
Espaço vivido	Rotina intensa entre trabalho, casa e escola; jornadas longas e deslocamentos diários pela cidade.	a maioria dos estudantes chega à escola cansado, após longas jornadas de trabalho e com pouca disposição para atividades.	O cotidiano desses jovens revela que a experiência urbana é profundamente marcada pela dificuldade de conciliar trabalho e estudo.
Espaço percebido	trajetos cansativos, entre os meios de transporte para locomoção entre o próprio bairro e o local de trabalho.	Os estudantes possuem grande conhecimento prático da cidade devido aos deslocamentos diários.	As percepções espaciais dos estudantes são construídas a partir da experiência direta com a cidade e suas desigualdades.
Espaço concebido	Dificuldade em relacionar conteúdos escolares de Geografia com suas experiências cotidianas.	A professora afirma buscar aproximar os conteúdos da disciplina da realidade vivida pelos estudantes.	O ensino de Geografia atua como mediador entre a experiência cotidiana e a construção do conhecimento geográfico crítico.
Espaço desejado	desejo de dedicar-se mais aos estudos, participar de atividades extracurriculares e Espaço desejado melhorar as condições da experiência escolar.	A docente reconhece a importância da escola como espaço de acolhimento e oportunidade de transformação social.	Revela expectativas dos estudantes em relação à educação e ao direito à cidade.

Fonte: Francisco, 2026 ; **Org:** Francisco, 2026

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo analisar como os estudantes que frequentam o ensino médio noturno percebem o espaço geográfico no qual estão inseridos, considerando suas vivências cotidianas entre casa, trabalho e escola. A investigação, desenvolvida no contexto do estágio supervisionado do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Uberlândia – Campus Pontal, permitiu aproximar a reflexão acadêmica da realidade concreta vivida por jovens trabalhadores que frequentam a escola pública no período noturno.

A partir das rodas de conversa realizadas com os estudantes e da entrevista com a docente responsável pela disciplina de Geografia, foi possível observar que a experiência escolar desses jovens é profundamente marcada pela necessidade de conciliar trabalho e estudo. A maioria dos estudantes participantes da pesquisa exerce atividades laborais ao longo do dia, muitas vezes em condições físicas desgastantes e em jornadas prolongadas, o que impacta diretamente sua disposição e capacidade de concentração durante as aulas no período noturno. Nesse sentido, o cansaço físico e mental se apresenta como um dos principais desafios enfrentados por esses alunos no processo de aprendizagem.

Nesse sentido, os relatos dos estudantes revelam que o cotidiano é também composto por deslocamentos contínuos entre casa, trabalho e escola, restando pouco espaço para experiências que não estejam diretamente vinculadas ao trabalho. Tal condição evidencia como, na sociedade capitalista, o trabalho assume centralidade na vida de muitos jovens, muitas vezes antes mesmo da consolidação de sua formação educacional. Dessa forma, esses estudantes se encontram inseridos em um contexto no qual a necessidade de sobrevivência econômica se sobrepõe às possibilidades de desenvolvimento da experiência juvenil e de viver a juventude.

A análise dessas vivências também pode ser compreendida a partir da fenomenologia da percepção de Maurice Merleau-Ponty, que permite interpretar o espaço não apenas como uma dimensão objetiva, mas como algo que é vivido, percebido e significado pelos sujeitos em suas experiências cotidianas. Sob essa perspectiva, o espaço urbano experimentado por esses jovens é atravessado por sensações de cansaço, pressa e limitação de tempo, constituindo uma forma particular de relação com a cidade. O espaço, nesse caso, não é apenas um cenário neutro, mas um campo de experiências corporais e sensíveis que refletem as condições materiais da vida social.

Assim, a percepção que esses estudantes constroem sobre a cidade está profundamente vinculada aos trajetos que percorrem diariamente entre trabalho e escola, aos bairros onde residem e às condições de mobilidade que enfrentam. O corpo cansado após um dia de trabalho torna-se também um elemento central na forma como o espaço é vivido e percebido, revelando como as experiências sensíveis dos sujeitos estão diretamente relacionadas às estruturas sociais que organizam a vida cotidiana.

Ao mesmo tempo, as falas evidenciaram que, apesar das dificuldades, muitos alunos demonstram forte comprometimento com a continuidade dos estudos, enxergando a escola como uma possibilidade de transformação de suas trajetórias de vida. Nesse contexto, a escola assume também um papel de acolhimento, oferecendo não apenas ensino formal, mas também alimentação, apoio institucional e um ambiente de convivência que, para muitos estudantes, representa um importante espaço de pertencimento.

Do ponto de vista da Geografia escolar, os resultados da pesquisa evidenciam o potencial da disciplina como ferramenta de emancipação e construção de uma leitura crítica da realidade. Ao discutir conceitos como espaço geográfico, espaço percebido e espaço concebido a partir das experiências vividas pelos próprios estudantes, foi possível perceber que muitos deles passaram a reconhecer suas práticas cotidianas, como trabalhar, circular pela cidade ou habitar determinados bairros, como parte dos processos de produção do espaço. Esse movimento contribui para ampliar a compreensão sobre as desigualdades socioespaciais que estruturam a cidade e as condições de vida da população.

Entretanto, os resultados também indicam que essa articulação entre os conteúdos da Geografia escolar e o cotidiano dos estudantes ainda ocorre de forma limitada em muitos momentos do processo educativo. Grande parte dos alunos relatou que raramente percebe uma relação direta entre os temas abordados nas aulas e suas experiências de vida. Essa percepção revela a necessidade de ampliar estratégias pedagógicas que aproximem o ensino de Geografia das realidades vividas pelos jovens trabalhadores do ensino noturno.

Nesse sentido, a pesquisa permite refletir sobre uma questão central: se a escola consegue, de fato, transformar o cansaço dos estudantes em um “olhar crítico” sobre o mundo. Os dados indicam que esse processo é possível, mas depende diretamente das práticas pedagógicas desenvolvidas em sala de aula. Quando os conteúdos dialogam com as experiências cotidianas dos alunos e quando há espaço para escuta, participação e troca de vivências, observa-se um maior envolvimento dos estudantes nas discussões. Por outro lado, quando o ensino se mantém distante da realidade social desses jovens, o cansaço tende a se sobrepor ao interesse pelo aprendizado.

Diante disso, torna-se fundamental pensar em estratégias didáticas que considerem as especificidades do ensino noturno. Metodologias mais participativas, como rodas de conversa, debates, utilização de recursos audiovisuais, análise de músicas, mapas do cotidiano e discussões sobre a cidade e o trabalho, podem contribuir para tornar as aulas mais dinâmicas e significativas. Atividades que partam das experiências vividas pelos próprios estudantes também podem favorecer a construção de um aprendizado mais contextualizado, no qual os alunos se reconheçam como sujeitos produtores do espaço geográfico.

Além disso, a pesquisa evidenciou a importância de valorizar o diálogo em sala de aula como ferramenta pedagógica. As rodas de conversa realizadas durante o desenvolvimento do trabalho demonstraram que, quando os estudantes encontram espaço para compartilhar suas experiências, surgem reflexões profundas sobre o cotidiano, as desigualdades sociais e as formas de vivenciar a cidade. Essas trocas contribuem não apenas para o aprendizado dos conteúdos geográficos, mas também para o fortalecimento do sentimento de pertencimento ao espaço escolar.

Por fim, considera-se que refletir sobre as espacialidades das juventudes que frequentam o ensino médio noturno é um passo fundamental para pensar uma educação mais justa e inclusiva. Reconhecer os desafios enfrentados por esses jovens trabalhadores e incorporar suas experiências ao processo educativo pode contribuir para que a Geografia escolar cumpra um de seus papéis mais importantes: ajudar os estudantes a compreender criticamente o espaço em que vivem e, a partir dessa compreensão, imaginar e construir possibilidades de transformação da realidade.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 5, p. 25–36, 1997.

ABRAMO, Helena Wendel. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (org.). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

ALVES, Glória da Anunciação. **A produção do espaço urbano**. São Paulo: Contexto, 2012.
ARROYO, Miguel G. **Ofício de mestre: imagens e autoimagens**. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. BRASIL. **Estatuto da Juventude**: Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013. Brasília: Presidência da República, 2013.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Tradução de Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001. LENCIONI, Sandra. **Região e geografia**. São Paulo: Edusp, 2003.

MANNHEIM, Karl. O problema das gerações. In: FORACCHI, Marialice; MARTINS, José de Souza (org.). **Sociologia e sociedade**. Rio de Janeiro: LTC, 1972.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel. **Somos jovens: o ensino de Geografia e a escuta da juventude**. 2015. 126 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Geociências, Porto Alegre, 2015.

PAIS, José Machado. **Culturas juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2003.
REVISTA EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA EM FOCO. Artigo disponível em:
<https://revistaedugeo.com.br/revistaedugeo/article/view/1526>.

Acesso em: 05 nov. 2025.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Do contrato social**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

SANTOS, Andrea Pereira dos; CHAVEIRO, Eguimar Felício. A constituição das identidades juvenis na metrópole contemporânea: a interface entre lugares e práticas socioespaciais. In: PAULA, Flávia Maria de Assis; CAVALCANTI, Lana de Souza; PIRES, Lucineide Mendes (org.). **Os jovens e suas espacialidades**. Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, 2016. p. 71–92.
SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: Edusp, 1996.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Observatório da Juventude. **Juventudes e projetos de vida**. Belo Horizonte: UFMG, 2022. Disponível em:
<https://observatoriodajuventude.ufmg.br/wp-content/uploads/2022/10/Juventudes-e-projetos-de-vida-1.pdf>.

Acesso em: 13 set. 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA. **Projeto pedagógico do curso de Geografia – Licenciatura**. Ituiutaba: UFU – Campus Pontal, 2022.